

Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais

Neste número

Aquário traz desafios de liderança
Visão, Confiança e Responsabilidade
Liderança e os Média
Recensão de livro: A Solução Simpol

Editor: *Dominic Dibble*

www.worldgoodwill.org

Edição de GEM – Grupo de Estudos Maitreya em português



LIDERANÇA: ENERGIZANDO A SEMENTE MAGNÉTICA DO FUTURO

O MUNDO ESTÁ A CLAMAR POR LIDERANÇA nestes tempos turbulentos e incertos. Na política, nos negócios, na religião, aqueles que poderiam liderar enfrentam problemas globais e complexos que exigem cooperação entre divisões ideológicas, económicas e culturais. O pensamento de curto prazo e os métodos antigos já não chegam. São necessárias novas formas de ver, bem como visões inequívocas do futuro.

Para muitos, há uma tentação de voltar a estilos de liderança adequados aos desafios de décadas anteriores. Mas os velhos rótulos e ideologias não podem voltar a ser aplicados num momento de interdependência crescente e o olhar nostálgico para as velhas formas de fazer as coisas torna mais difícil o reconhecimento dos novos tipos de liderança emergentes. Daí o clima de desespero e a sensação incorrecta de existir uma escassez de visionários pragmáticos prontos a liderar. De facto, os múltiplos canais de interconexão da Internet significam que novas qualidades de liderança estão a emergir de forma mais rápida e fluida do que nunca – por exemplo, o Movimento Cinco Estrelas na Itália e o Podemos em Espanha.

Os líderes modernos enfrentam imensos desafios. Num mundo onde pensamentos e opiniões das pessoas podem ser partilhados tão livre e rapidamente, as estruturas institucionais dos partidos políticos tradicionais, corporações e igrejas estão sob pressão significativa, à medida que procuram ajustar-se às novas possibilidades. A busca de poder é

estimulada e, num tempo em que as fidelidades podem mudar com velocidade surpreendente, mesmo quem procura liderar com motivação superior não tem garantia de lealdade dos seus partidários.

Além disso, podem estes apoiantes confiar nos média para construir uma imagem honesta dos líderes? Acontecimentos recentes em torno do referendo do Brexit e da campanha presidencial de Trump suscitaram preocupações pelo facto da velocidade e facilidade de comunicação digital poderem ser usadas para projectar uma mistura confusa de desinformação e de falsidade absoluta. Os pontos cegos psicológicos dos eleitores, quando combinados com dados de perfil comportamental on-line, podem ser direccionados com precisão assustadora. Quer sejam implantadas por indivíduos, empresas ou governos, essas técnicas representam uma afronta perturbadora à clareza de consciência colectiva que a humanidade necessita para caminhar para um futuro de relações correctas.

E quando os líderes conseguem chegar ao poder, coloca-se a velha questão relativa à forma como vão usar esse poder. Será que, apesar das dificuldades, mantêm a visão que apresentaram? Ou permitem que as forças de resistência inerentes a todas as estruturas institucionais se desviem e dissipem os seus esforços? Aceitam, além disso, o mandato que lhes foi dado com humildade, como um líder que não serve apenas aqueles que o apoiaram, mas o grupo inteiro – uma humildade que o Papa Francisco aprovou recentemente; ou procuram exercer o poder para se beneficiarem apenas a si próprios e aos seus associados escolhidos?

Para serem confiáveis, os líderes devem ser responsáveis. São necessárias estruturas transparentes para restringir líderes visionários fortes se as suas acções se afastarem da visão estabelecida. Na política, este papel é assumido pelo sistema jurídico e seus guardiões, o judiciário; haverá estruturas análogas em empresas saudáveis e instituições religiosas. Além disso, à medida que se aprofunda a compreensão dos sistemas do planeta, está a tornar-se mais urgente outro tipo de responsabilidade para os líderes: a responsabilidade pelo amplo consenso científico. O exemplo mais óbvio disto é na área das alterações climáticas.

Nos artigos que se seguem, a liderança e as questões envolventes são examinadas sob muitas perspectivas. Esperamos que possam lançar alguma luz sobre a forma como a boa vontade das pessoas em todo o lado, e a dinâmica de vontade-de-bem de quem vier a liderar, se possam combinar criativamente para conduzir a um futuro melhor para todos.



Aquário traz desafios de liderança

A COMPREENSÃO DA TRANSIÇÃO DA HUMANIDADE de uma era individualista, condicionada por Peixes, para uma era aquariana com maior consciência grupal, pode trazer perspectivas relevantes para os desafios enfrentados por líderes e liderança. A transição é inevitavelmente espinhosa, pois indivíduos e sociedades respondem *em massa*, numa quase infinidade de formas, às influências destas duas energias condicionantes – adaptando-se às oportunidades e ‘linhas de menor resistência’; reagindo às forças opostas; inspirando-se em ideais que estão num processo de afastamento do colectivo ou em ideais que se estão a tornar dominantes; e alinhando-se com expressões não desenvolvidas das duas influências.

A visão aquariana da unidade essencial e da totalidade de vida, regularmente celebrada nestas páginas, de certo modo tem remodelado drasticamente a psique e a sociedade. As redes cooperativas de relacionamento disponíveis estão a crescer entre países, regiões e culturas e em todas as disciplinas profissionais, científicas e académicas. As gerações mais novas estão especialmente sintonizadas com estes ambientes altamente interactivos. Diz-se que Aquário está relacionado com o abrangente elemento ar, que afecta tudo o que está relacionado com a maneira como vemos o mundo e com o nosso lugar dentro dele. Para

quem tem uma mente bem desenvolvida, estas energias estimulam uma capacidade crescente de percepção intuitiva, permitindo ser conhecida a relação entre a parte e o todo em toda a sua riqueza, levando a um sentido de síntese novo e vibrante. No entanto, para a grande maioria de pessoas na maior parte das nações, incluindo pessoas de boa vontade, a mente independente ainda está em processo de desenvolvimento. Sem capacidade de pensar as coisas por si próprio, a sensibilidade natural à globalidade e a identidade grupal ficam propensas à superficialidade sentimental onde a propaganda é mais importante que o conteúdo. Embora existam muitas iniciativas criativas, novas e independentes, para expressar o sentido de síntese a um nível pessoal e grupal, também existem mantras de síntese dogmáticos fixos que tornam as pessoas muito auto-convencidas, embora muitas vezes não possuam qualquer expressão criativa e autêntica do novo. Alguns dos sinais mais óbvios de uma consciência global crescente são a popularidade internacional de produtos habilidosamente comercializados e manipulados como a Coca Cola ou a Levi's, ou de grandes estrelas de entretenimento que atravessam fossos culturais como Lady Gaga ou Beyoncé. No entanto, as habilidades experientes de marketing, usando símbolos populares, são cada vez mais usadas para magnetizar políticas e programas que promovem realmente o bem do todo – por exemplo, a utilização crescente de Embaixadores de Boa Vontade da ONU e a campanha popular para gerar compreensão dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, www.globalgoals.org.

Aquário também pode levar a atitudes e opiniões obstinadas e presunçosas – uma das questões na onda de partidarismo crescente que está a envenenar o ambiente político em muitos países. Mas esta rigidez também pode produzir uma certa estabilidade de visão, foco e persistência em quem conduz a humanidade para uma nova era. A vontade-de-servir é 'fixa' e inquestionável – permitindo que os princípios e opiniões menores sejam sacrificados no serviço do bem maior. Os líderes



que respondem à influência de Aquário tendem a ter uma habilidade natural de unir o espírito e a matéria e o desejo de criar formas, estruturas e instituições que reflectam a vivência do espírito. Nas suas expressões mais imaturas, isto pode levar a uma ênfase excessiva na obtenção da forma correcta e, no processo, perder de vista a perspectiva – tornando detalhes, fórmulas legalistas e a 'letra de lei' mais importantes que o propósito e missão. A transição para uma nova era depende de líderes de princípios, transparentemente inabaláveis na sua fidelidade a princípios superiores, e capazes de fomentar o espírito essencial de bondade (a missão central) no centro de políticas, programas e iniciativas que inspiram e lideram. Há evidência desta dimensão extremamente prática no modelo de 'melhores práticas' agora amplamente utilizado em programas de desenvolvimento comunitário e ambiental.

Enquanto a visão de síntese aquariana está a varrer a psique e a condicionar a visão mundial de grande número de pessoas (especialmente as gerações mais novas), minorias significativas baseadas em comunidades claramente definidas de fé, etnia e idioma, sentem-se muitas vezes inseguras pela variedade de contexto de outras perspectivas, implícita na visão multicultural. Grupos e secções da sociedade influenciados por Peixes, que condicionaram os últimos dois milénios, tendem a inspirar-se nas lembranças de glórias passadas, e a expressão inferior das qualidades de devoção e idealismo estimulam fanatismo e fundamentalismo. Nesses casos, os líderes que estão a responder à consciência grupal vindoura de Aquário têm o potencial de entender o medo que leva a estes sentimentos e podem liderar programas que ajudem a comunidade a reconhecer as suas próprias forças e fraquezas, bem como os pontos fortes e fracos de outras comunidades. À medida que este contexto de pensamento na comunidade começa a desenvolver-se, o diálogo realista, livre de máximas politicamente correctas, torna-se possível e são, podendo florescer a boa vontade não sentimental.

Pessoas de boa vontade querem muitas vezes "fazer" algo para ajudar a superar os conflitos actuais e melhorar a qualidade de vida para todos. É um sinal da vontade emergente. É um sinal de que o "fazer" pode ser envolver-se no processo político, mas também pode ser o buscar um novo significado e profundidade nos seus relacionamentos e vidas. Em resposta a este impulso de acção, líderes em todo o mundo estão a iniciar uma série diversificada de programas e actividades para: promover a partilha genuína nas comunidades locais, bem como a um nível mais amplo; habilitar e encorajar pessoas a crescer em compreensão e na prática de liberdade responsável, no processo de se tornarem mais plenamente humanos e mais em contacto com os mundos da alma e do espírito; e gerar um espírito de diálogo e cooperação entre pessoas de boa vontade em todos os tipos de classe, religião, política e etnia. Há mais evidências desta influência aquariana na multiplicidade de programas de formação de líderes, nomeadamente Liderança de Serviço; Liderança de Cooperação; Liderança Integral; Iniciativas de Liderança do Instituto de Presença; e treino de liderança transformacional oferecido por grupos como a Fundação de Liderança Global. É importante lembrar que os líderes iniciam, inspiram e mobilizam movimentos em todos os campos da vida, e não apenas na política.

Acontecimentos recentes sugerem que todo o futuro da visão pós-Segunda Guerra Mundial está num impasse. Que perspectivas para o futuro? Se as forças de boa vontade triunfarem, isso será porque, neste período, estão a emergir líderes dinamizados pelas possibilidades aquarianas a nível local, nacional, regional e internacional em todos os campos. Não é difícil imaginar toda uma nova geração de líderes em que a boa vontade está manifestamente presente – liderando programas que criem princípios de partilha, boa vontade e harmonia através do conflito na vida política; educação; cuidados de saúde; direito, justiça e policiamento; agricultura; criação de emprego; e na espiritualidade e religião.



Liderança grupal

A transição de Peixes para Aquário tem como ponto fulcral a mudança de uma era de individualidades dissociadas para uma era de grupo: de consciência grupal, de interacção grupal e de idealismo grupal. Isso tem grandes implicações para os líderes e para os estilos de liderança. Uma das características mais comuns da literatura contemporânea sobre liderança é o foco na promoção do trabalho de equipa e nas dinâmicas grupais saudáveis. Dirigentes aquarianos desenvolvem uma sensibilidade ao espírito do grupo que lideram, assegurando que ele reflecta a aspiração e o propósito do grupo e estimulando um sentido partilhado de valor. Mais do que nunca, os grupos a que as pessoas de boa vontade pertencem (grupos de trabalho, grupos de estudo, grupos de serviço, movimentos populares) são liderados por aqueles que foram treinados em competências grupais: com capacidades para fortalecer redes e construir identidade e propósito grupais. Uma parte disso é o reconhecimento de que os próprios grupos estão a desempenhar um papel de liderança na transição para uma nova era.

Na humanidade, o maior grupo do qual fazem parte todos os grupos de serviço, o Grupo dos Servidores do Mundo, inclui os líderes de todos os grupos que procuram promover o desenvolvimento e elevação humanos, a partilha verdadeira e as relações correctas com a Terra e com todas as criaturas, plantas e elementos da Terra. Estes são os líderes que estão preocupados com os interesses e o bem-estar dos grupos aos quais estão associados e dos grupos que eles procuram servir. Eles são os pioneiros das novas qualidades de amor grupal e de propósito grupal.



Visão, Confiança e Responsabilidade

QUALQUER DIRIGENTE “DIGNO DESSE NOME” procurará inevitavelmente mudar as leis, as regras ou as normas estabelecidas do grupo, pois os líderes verdadeiros têm uma *visão* da maneira melhor de fazer as coisas. Basta olhar para Nelson Mandela a sair da prisão em 1990. O apartheid acabou em 1997 e a África do Sul teve uma Constituição inteiramente nova. Tais mudanças sísmicas são mais óbvias no domínio político, onde se espera que os líderes introduzam nova legislação; mas verificam-se também nos negócios, onde os executivos visionários mudam a ‘cultura corporativa’. O mesmo acontece na religião e, embora o foco esteja em verdades mais intemporais, haverá sempre diferentes maneiras de interpretar essas verdades, devendo os líderes enfrentar a questão relativa às interpretações mais apropriadas para a consciência em evolução da sua congregação. Os esforços do Papa Francisco para reformar a Igreja católica romana podem ser vistos sob este prisma.

Outra maneira de pensar sobre a visão é olhar um líder como a personificação viva de uma qualidade específica ou energia consciente que um grupo mais amplo está a procurar expressar. Isso ajuda a explicar a razão pela qual as pessoas serão magneticamente atraídas para o líder; não o fariam se na sua psique não houvesse algo sintonizado com essa qualidade. A visão que o líder apresenta, a qualidade que ele ou ela expressa, deve já estar ‘no ar’ de alguma forma. Isso pode ser simplesmente uma reformulação de uma ideologia já existente; mas a condição mais interessante e mais vital surge quando um novo ideal universal é contactado, pois a consciência colectiva da humanidade está em constante evolução. Isso também sugere o papel crescente que se pode esperar que a liderança grupal desempenhe no futuro da humanidade. Um grupo tem uma sensibilidade intuitiva mais profunda aos novos ideais e é capaz de expressá-los com mais complexidade e subtilidade do que um indivíduo. Na ciência, e em algumas organizações empresariais, esta liderança de um grupo já está bem estabelecida e, com o passar do tempo, talvez possamos ver partidos políticos a evoluir de maneira a reflectir esta possibilidade de forma mais autêntica. Uma das sementes para tal pode estar na ideia do gabinete de responsabilidade colectiva do sistema parlamentar de Westminster.

Os líderes que permitem que as sementes de novos ideais se enraízem e se expandam rapidamente devem ser capazes de recorrer ao dinamismo da vontade. No início, haverá inevitavelmente resistência por parte das estruturas já existentes dentro da sociedade e será necessária uma vontade forte para responder aos obstáculos, adaptando e implementando a visão. Os líderes eficazes compreendem o processo de ‘destruição criativa’, libertando energias de formas antigas para que elas possam fluir para novos padrões que sirvam o futuro e toda a vida. A capacidade de gerir este processo de destruição, de modo a minimizar a ruptura na sociedade, é um teste fundamental da identificação compassiva dos dirigentes com todos dentro do seu grupo, parecendo ser uma questão central dos tempos em que vivemos. A *confiança* é, tal como a visão, fundamental para a liderança. Os apoiantes potenciais de um líder devem perguntar-se se confiam no líder para implementar realmente a visão, uma vez no poder. A confiança também é a chave para as leis que se espera que os dirigentes salvaguardem e mudem. Leis, regulamentos e normas são, eles próprios, expressões de confiança mútua, pois são acordos comuns que substituem a necessidade de confiança directa de pessoa-para-pessoa em grandes grupos. De acordo com Esteban Ortiz-Ospina e Max Roser de *Our World In Data (O Nosso Mundo em Dados)*¹, "A confiança é um elemento fundamental do capital social – um contributo fundamental para apoiar os resultados do bem-estar, incluindo o desenvolvimento económico". Observam também que, na maioria dos países europeus, a confiança na polícia e no sistema legal é maior do que a confiança no sistema político. Isto é importante, pois é geralmente o sistema legal, e mais especificamente um sistema judicial independente, que garante que o poder dos líderes, para fazer e mudar as leis, seja exercido de forma responsável. Nos 35 países da OCDE, os últimos números mostram que a confiança média nos governos é inferior a 40%. Assim, parece estarmos num momento de crise da liderança política, exactamente quando ela é mais necessária.

Uma vez no poder, os líderes devem decidir como vão dar vida à sua visão. Irão eles fazê-lo de forma a levar em conta a vontade colectiva das pessoas (incluindo aqueles que não votaram neles ou os apoiam)? Ou agirão eles de acordo com o seu próprio sentido do que é correcto? No último caso, existe o perigo sempre presente de caírem na atitude autoritária de "l'état, c'est moi" (o estado sou eu), para começar a acreditar que, de certo modo, não se pode estar errado. É por esta razão que o poder de uma magistratura independente é tão crucial nos estados-nação modernos, para responsabilizar os dirigentes pela lei. Isto actua como uma salvaguarda contra a ditadura e ajuda a garantir que as mudanças na lei prosseguem a um ritmo que a população possa aceitar.

Não é apenas a vontade do povo, e a influência moderadora da magistratura, que o dirigente político deve ter em conta. Vários grupos de 'interesses particulares' na sociedade, desde associações industriais até grupos da sociedade civil, procurarão promover as suas prioridades específicas. Para dar uma resposta plena, os líderes devem possuir a capacidade de sintetizar diferentes pontos de vista num todo coerente. E numa era globalizante, cada líder deve olhar, para além das fronteiras da sua nação ou grupo, para as forças económicas, sociais e culturais em acção no mundo. Em *The Simpol Solution (A Solução Simpol)*,² John Bunzl e Nick Duffell argumentam que, numa era de corporações multinacionais que exercem um poder tremendo na economia internacional, a maioria dos líderes nacionais é forçada a fazer a vontade destas corporações, por medo de que a sua nação se torne pouco competitiva. Além de tais pressões económicas, existe também o acervo internacional de legislação, codificado em tratados; as obrigações decorrentes da adesão da nação a grupos supranacionais, como a UE ou a União Africana; e várias outras normas internacionais, incluindo os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs; SDGs na língua inglesa) da ONU.

A menção dos ODSs traz uma nova dimensão à responsabilidade: a responsabilidade pelo amplo consenso científico. Os ODSs são postulados na base de precisarem de ser abordados colectivamente por todas as nações as mudanças climáticas e outros impactos ambientais globais; e de dever ser considerado muito seriamente nas decisões nacionais o amplo consenso científico que apoia estes impactos. Isso não significa que a ciência seja infalível. A própria natureza do empreendimento científico é testar os modelos e teorias mais recentes para ver onde podem falhar e, por vezes, a partir deste teste, surgirão novos modelos aperfeiçoados. Os cidadãos precisam de uma compreensão científica básica para avaliar as escolhas que lhes são apresentadas pelos líderes, embora Neil deGrasse Tyson, astrofísico e divulgador de ciência, tenha alertado recentemente: "as pessoas perderam a capacidade de julgar o que é verdadeiro e o que não é, o que é fiável, ou não".

Isto coloca uma responsabilidade acrescida sobre os líderes, porque eles são frequentemente responsáveis por tomar decisões com implicações amplas, e até mesmo globais, baseadas no consenso científico. Assim, o dever de se tornar cientificamente informado é consequentemente maior. Mesmo que não tenham tempo para adquirir esse conhecimento em primeira mão, devem compensar nomeando especialistas reconhecidos como conselheiros. Portanto, é muito preocupante quando os líderes parecem ignorar esse consenso, merecendo ser profundamente escrutinadas as suas razões para tal. Para ser claro, não se trata de decisões morais importantes que um dirigente pode precisar de tomar com base em evidências científicas, como permitir certos tipos de engenharia genética ou energia nuclear. Trata-se do questionar, ou mesmo ignorar, as evidências científicas como uma base válida para tais decisões. Quando isto acontece, o caminho está aberto para uma situação em que, em cada debate, aqueles que gritam mais alto são os eventuais vencedores, não havendo espaço para a discussão fundamentada.

A variedade e complexidade extraordinária destas pressões sobre os líderes dão-nos uma ideia de como é desafiadora a liderança na era moderna. Alguns dos requisitos para os líderes de hoje são: a necessidade de coragem; uma sensibilidade visionária aos ideais emergentes, a aptidão para expressar esses ideais com clareza; a capacidade de sintetizar pontos de vista opostos em problemas complexos; o poder dinâmico para inspirar os apoian-

tes a fazerem sacrifícios em prol do bem do todo. Esperemos que a necessidade do momento evoque os indivíduos e grupos com capacidade para avançar e liderar.

1. Esteban Ortiz-Ospina e Max Roser (2016) – 'Trust'. Publicado on-line em OurWorldInData.org. Recolhido em: <https://ourworldindata.org/trust> [Recurso on-line]
2. Revisto nesta edição.



Liderança e os Média

ASSIM QUE OS DITADORES chegam ao poder, a primeira coisa que fazem é assumir o controlo dos média, requisitando as estações de rádio e televisão e encerrando os jornais independentes. A razão é óbvia – se controlares as fontes noticiosas, controlas o povo. No passado, as pessoas estavam completamente dependentes de jornais e empresas de serviços de radiodifusão para compreenderem o mundo. Consequentemente, o poder exercido pelos média sobre os pensamentos e actividades de populações inteiras era avidamente procurado. Os barões dos jornais e os magnatas da imprensa pagavam fortunas para influenciar as vidas, os hábitos de voto e de consumo dos cidadãos comuns. E continuam a pagar. Na crescente era digital, a forma como seguimos os média não consegue simplesmente acompanhar as novas realidades.

Mas esta ordem estabelecida está a ser radicalmente abalada por um dos mais dramáticos fenómenos do nosso tempo – o impacto tremendo da tecnologia digital. Por exemplo, hoje em dia, 'ler o jornal' significa frequentemente "fazer rolar" os ecrãs dos nossos computadores ou smartphones, através de várias apresentações de notícias e comentários.

Ao mesmo tempo que é tentador ver este novo mundo digital como uma democratização de notícias e opiniões, como uma capacitação do cidadão comum e uma oportunidade para conhecer a verdade, há também um reconhecimento crescente das sérias desvantagens e limitações emergentes que precisam de ser abordadas. Como exemplo, tomemos o que tem sido chamado "bolha de filtro". As pessoas tendem a seleccionar sites, fontes de notícias e opiniões que de uma forma geral sustentam as suas próprias opiniões e visão do mundo. Efectivamente ouvem aqueles com os quais à partida estão de acordo. Embora esta tendência não seja de agora, a novidade é que, pelo facto de vivermos num tempo em que todos usam alguns motores de busca para encontrar informação, os algoritmos que de forma invisível alimentam estes motores de busca, tendem automaticamente a seleccionar sites similares aos que já foram consultados pelos utilizadores e a omitir outros que não correspondem ao registo do seu perfil. Isto torna a filtragem de informação ainda mais apurada, significando que fazemos cada vez menos ideia do que outros – que seleccionam fontes de informação de alguma maneira diferentes das nossas – pensam e dizem.

Por causa desta "bolha de filtro" a multiplicidade de fontes noticiosas está a levar a uma ainda maior separação das pessoas em blocos de opinião cuja compreensão de pontos de vista diferentes, ou opostos, podem mais facilmente cristalizar-se sob a forma de preconceito, falta de empatia e até mesmo de não-compreensão. Como escreveu recentemente no jornal Guardian, Brendan Cox, o viúvo da assassinada deputada britânica Jo Cox: "Temos uma tradição orgulhosa [na Bretanha] de expressar opiniões e de termos desentendimentos ao mesmo tempo que respeitamos aqueles cujos pontos de vista não compartilhamos. Preocupa-me é que o respeito pelos nossos adversários se tenha tornado uma qualidade descartável, facilmente posta de lado quando crescem as paixões".

Outro reverso da medalha é o fenómeno das 'notícias falsas'. Foi Ésquilo, o antigo escritor de tragédias gregas, que observou de forma memorável que a primeira vítima da guerra é a verdade. Para demonizar o inimigo e reforçar a moral do seu lado, é disseminada informação falsa sem quaisquer escrúpulos visíveis. Na verdade, a palavra *propaganda*, que devia ser neutra e livre de valor, passou a significar a disseminação da falsidade. Ao longo dos tempos, os governos usaram-na conscientemente como um instrumento político.



Hoje em dia, a juntar à manipulação e distorção por parte de governos, a verdade está a tornar-se vítima de grupos e indivíduos que promovem as suas causas independentemente dos factos. Como tal, a verdade é frequentemente submergida pela aceitação crédula de informação não fundamentada – e frequentemente não confirmável – e os consequentes medos e falsas esperanças que isto desperta. Quando as pessoas se sentem cada vez mais fragilizadas pela incerteza e insegurança, mais facilmente são induzidas a aceitar quase tudo como “verdade”.

Estes dois exemplos dos aspectos negativos dos média digitais demonstram a necessidade de um novo tipo de liderança, permitindo que a humanidade navegue através de uma nova compreensão do valor da verdade e da empatia. É importante que todas as comunidades, todas as "bolhas de filtro", fiquem sujeitas a declarações claras de princípios universais, aplicadas de forma prática aos problemas reais do nosso tempo. Precisamos de ouvir vozes genuínas a lembrarem-nos constantemente que uma vigorosa boa vontade global cooperativa pode substituir a fragmentação da humanidade em nações e blocos de poder perigosamente competitivos.

Felizmente existem grupos e indivíduos que estão a dar resposta a este problema com lucidez e imaginação. Por exemplo, em Abril deste ano, Jimmy Wales, o fundador da Wikipédia, anunciou que está a lançar uma nova publicação online, Wikitribune, cujo objectivo é contrariar as notícias falsas. Jornalistas profissionais serão coadjuvados por um exército de colaboradores voluntários da comunidade. É para ser de "notícias feitas por pessoas e para as pessoas". Disse Jimmy Wales, "Esta será a primeira vez que jornalistas profissionais e jornalistas cidadãos vão trabalhar lado-a-lado como iguais a redigir matérias à medida que acontecem, editando-as ao vivo enquanto se desenrolam e permanentemente apoiados por uma comunidade a verificar e reverificar todos os factos".

Uma iniciativa como esta lembra-nos o valor básico da verdade. Muitas tradições espirituais e filosóficas têm enfatizado a natureza fundamental do amor, do sacrifício e da verdade como princípios espirituais básicos que deveriam governar os pensamentos, aspirações e acções da humanidade. Fazem-no por uma boa razão. Como tem sido tantas vezes dito, onde não há visão, o povo perece. Talvez possamos afirmar com a mesma força que, sem verdade, as pessoas também perecerão. De facto, do ponto de vista filosófico, talvez visão e verdade sejam duas palavras diferentes que apontam para a mesma realidade.

Quando há fortes ondas de emoção e de opinião a varrer os média, e se tornam o foco do discurso público, como discernir o que é verdade? É uma questão que tem sido ponderada de diferentes formas ao longo dos séculos. A resposta que sempre surge é que a percepção da verdade exige desenvolver e usar de forma engenhosa um sentido de discriminação verdadeiro. Como expressou o cientista Carl Sagan de forma profética: "Encontrar uma palha de verdade ocasional, imersa num grande oceano de confusão e mistificação, requer inteligência, vigilância, dedicação e coragem. Mas se não praticarmos estes hábitos difíceis de pensamento, não podemos esperar resolver os problemas realmente graves com que nos deparamos – e arriscamos tornarmo-nos numa nação de trouxas, à espera de serem enganados pelo primeiro charlatão que apareça".

Existirão regras de ouro para ajudar a distinguir a verdade da falsidade? As ideias seguintes podem ser testadas no cadinho dos altos e baixos da vida diária. Primeiro, ao abordar qualquer problema, começar por reconhecer que a maioria clara das pessoas em todo o mundo está animada por boa vontade. Em segundo lugar, lembrarmo-nos que a capacidade humana para uma vida de sacrifício já foi amplamente comprovada. Terceiro; considerarmos a ideia de que a resposta natural a qualquer crise ou dificuldade é fazer-se um esforço extra para encontrar uma solução e gerar a cura. Uma quarta ideia é ser falso tudo o que afirma o contrário – que os seres humanos são irremediavelmente maus, que a má vontade é por

defeito a atitude padrão da humanidade, que o desejo de ajudar e curar é uma característica pouco comum.

Estas regras de ouro pretendem ser sugestivas, não impositivas. Cabe-nos discernir o que é verdade para nós mesmos, tendo fé que, citando Robert Browning: "Há um centro mais profundo em todos nós, onde a verdade permanece em plenitude".

Mas não é suficiente discriminar entre verdade e falsidade. O desafio é agir no apoio à verdade. E é também aqui que a liderança nos média é, não só importante, como também perfeitamente evidente. Os muitos grupos da sociedade civil e ONGs que surgiram nos últimos 200 anos, e em particular desde o final da segunda guerra mundial, levaram para a Internet – com propósito e de forma engenhosa – e-mails, tweets, excertos de vídeo e muitas petições motivando e estimulando pessoas de boa vontade. A eficácia dessas petições on-line é discutível. Diz-se que uma carta escrita pessoalmente tem muito mais peso do que milhares de e-mails igualmente formatados. No entanto, é uma força para o bem e sublinha as preocupações que milhões de pessoas sentem sobre os muitos problemas hoje enfrentados pela humanidade.

Outra área onde os média, particularmente os digitais, estão a criar uma posição de liderança forte é a da divulgação generalizada de conhecimento e sabedoria. São disponibilizados, para visualização e reflexão, palestras e artigos sobre qualquer assunto que se possa imaginar. Os documentos académicos e os fóruns de discussão podem ser examinados. Todos os textos sagrados do mundo podem ser lidos com o clicar de um rato. A grande música, poesia, literatura e arte mundiais estão agora disponíveis para uma proporção cada vez mais vasta da humanidade. De acordo com as 'Internet World Stats' (Estatísticas Mundiais de Internet), cerca de metade da população humana pode ligar-se actualmente à internet. Isto representa uma taxa de crescimento de 933,8% desde 2000. Daqui a alguns anos, quase toda a gente terá acesso ao somatório total da experiência humana, imaginação, criatividade, conhecimento e verdade. Esta é uma realidade surpreendente, particularmente quando pensamos como o conhecimento costumava ser controlado e censurado por instituições religiosas e políticas. A disponibilidade de todo este pensamento criativo torna possível, como nunca, ser liderado pela própria verdade.



Recensão de livro: A Solução Simpol

John Bunzl e Nick Duffell, The Simpol Solution (A Solução Simpol). Peter Owen, Londres, 2017. Em *The Simpol Solution*, John Bunzl e o co-autor Nick Duffell, com uma clareza penetrante, descrevem o obstáculo principal à resolução dos problemas globais, nomeadamente a força da Competição Global Destrutiva [Destructive Global Competition (DGC)]. Eles mostram como isso impede os governos, relativamente a uma série de questões, de fazerem as mudanças necessárias nas políticas nacionais, pois temem que isso os possa colocar numa posição de desvantagem competitiva significativa, relativamente a outras nações. Bunzl e Duffell argumentam de forma convincente que, reconhecer esta situação e encetar de forma realista um plano para a neutralizar, é prejudicado por grandes pontos cegos psicológicos que afectam tanto os governos como os cidadãos. Sugerem que, para passar por estes pontos cegos, se exige transpor as cinco etapas do processo de luto avançado por Elisabeth Kübler-Ross e, só então, pode ser totalmente aceite a necessidade de se afastar de um contexto governativo centrado na nação para um novo contexto governativo centrado no mundo. Para complicar ainda mais a questão, Bunzl e Duffell mostram como as forças inconscientes poderosas que estruturam a nossa necessidade identitária podem bloquear este processo de aceitação. Ao usar as percepções de vários psicólogos e desenhando o Modelo Todo o Quadrante Todos os Níveis (AQAL – All Quadrant All Levels) de Ken Wilber, assinalam os níveis de consciência atravessados por todos os indivíduos e sociedades. Uma perspectiva centrada no mundo só é acessível no segundo nível do processo de desenvolvimento. Neste

momento, muitas sociedades estão a passar a difícil transição do primeiro para o segundo nível.

Bunzl e Duffell delineiam então uma estratégia para permitir uma acção política centrada no mundo durante a transição. A estratégia identifica dez critérios para uma acção eficaz, demonstrando os autores como pode contribuir a solução *Simpol*, uma plataforma de políticas globais lideradas por cidadãos. São delineadas ferramentas para permitir aos cidadãos colocarem pressão política sobre os seus representantes, encorajando-os a apoiar políticas globais a ser simultaneamente adoptadas por todas as nações. Bunzl e Duffell concluem que, para a próxima fase da nossa viagem evolutiva enquanto espécie, é necessária a mudança de uma abordagem competitiva para uma abordagem cooperativa das questões globais.

A Grande Invocação

Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluxa às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluxa aos corações dos homens
Possa Cristo* regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeleçam o Plano sobre a Terra.

*Muitas religiões acreditam que um Instrutor Mundial virá no futuro (daí 'Aquele que vem'), conhecendo-O por designações tais como o Senhor Maitreya, o Íman Mahdi, o Kalki avatar, etc. Estas designações são algumas vezes usadas por pessoas de fé específicas em versões da Grande Invocação.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Capa Max Rive – <https://500px.com/photo/127029019/>

p. 3 Whooping Cranes – US Fish and Wildlife Service (Public Domain)

p. 4 The Helm of Leadership – World Goodwill

p. 8 Lincoln Memorial – Another Believer, Wikimedia (Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0)

AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS CORRECTAS

A Boa Vontade Mundial é um movimento internacional que auxilia na mobilização da energia de boa vontade e no estabelecimento de relações humanas correctas. Foi fundado em 1932 como actividade de serviço da Lucis Trust.

A Lucis Trust é uma corporação de caridade educacional sem fins lucrativos e isenta de impostos e

na Suíça encontra-se registada como associação sem fins lucrativos. A Boa Vontade Mundial é reconhecida pelas Nações Unidas como Organização Não-Governamental e é representada em sessões de esclarecimento regulares que têm lugar na sede das Nações Unidas. A Lucis Trust encontra-se incluída na Lista Oficial do Conselho Social e Económico das Nações Unidas.

O Boletim da Boa Vontade Mundial é publicado quatro vezes por ano. Salvo indicação em contrário, todos os artigos são da autoria dos membros da Boa Vontade Mundial. Aceitam-se pedidos para o fornecimento de cópias para distribuição. O Boletim encontra-se também disponível em: alemão, dinamarquês, espanhol, francês, grego, holandês, inglês, italiano, russo e sueco.

O trabalho da Boa Vontade Mundial é financiado por donativos, não havendo por isso um preço estabelecido para o Boletim; contudo, qualquer contribuição que possa desejar fazer é muito bem-vinda.

3 Whitehall Court
Suite 54
London SW1A 2EF
UK

Email: worldgoodwill.uk@lucistrust.org

Rue du Stand 40
Case Postale 5323
1211 Genève 11
SUISSE

Email: geneva@lucistrust.org

120 Wall Street
24th Floor
New York NY10005
USA

Email: worldgoodwill.us@lucistrust.org

Este Boletim é publicado e distribuído em Portugal, sob autorização de Worldgoodwill, por GEM - Grupo de Estudos Maitreya
Rua Carlos Mardel, nº57 - 1.º Dto. | 1900-118 Lisboa | Portugal • Web: www.gem.org.pt | Email: lux.gem_org_pt@yahoo.com